



---

## NOMES E SIGNIFICADOS DO TRABALHO RURAL SOLIDÁRIO

Maria Helena de Paula(UFG)

**RESUMO:** Relações sociais do trabalho na vida rural, no interior do Brasil, especialmente em Goiás, (re)criam formas de nomear e definir estratégias de solidariedade, constituindo o que se denomina de léxico do trabalho rural solidário, acervo de um saber linguístico-cultural. Propõe-se, pois, apresentar um estudo lexicultural dos signos *troca de dias*, *demão*, *mutirão* e *treição* que categorizam, significam e nomeiam as práticas de ajuda no labor rural, a partir de estudo de memórias orais de trabalhadores, as quais tematizam a vida no campo no século XX em Goiás, apontando o *modus vivendi* motivador desse léxico, em incontestável relação com a cultura.

**PALAVRAS-Chave:** Trabalho rural, nomeação, significação

### NAMES AND MEANINGS OF THE SOLIDARY RURAL WORK

**ABSTRACT:** Social work relations in the rural life in the interior of Brazil, specially in the state of Goiás, recreate forms of naming and defining the solidary strategies, which constitutes what is called lexicon of solidary rural work, a collection of a cultural linguistic knowledge. This work intends to present a lexicultural study of the signums *troca de dias*, *demão*, *mutirão* and *treição* which categorize, mean and name the help practices in the rural activities, taking into considerations the oral memoirs of the rural workers which contemplates the life in the country in the 20th century in the state of Goiás and points out the motivating *modus vivendi* of this lexicon in an unquestioned relationship with the culture.

**KEYWORDS:** Rural work; naming; meaning

## Proposição

Entender como as relações de solidariedade no trabalho rural se estabelecem e se fazem registrar no léxico de trabalhadores solidários é nosso intento neste estudo. Defendemos que o léxico é o nível em que as relações do sistema linguístico com as dinâmicas sociais se manifestam de forma mais indubitável. Nesse sentido, percorreremos fragmentos de narrativas pessoais de homens e mulheres para neles verificar como se sustentam tais relações e como são nomeadas e, portanto, significadas entre os trabalhadores, de modo a lhes identificar como solidários entre si, *companheiros*.

Para cumprir a proposição, recortamos o material de estudo de uma região específica do Brasil, o Centro-Oeste, mais especialmente o sudeste goiano. Assentados numa perspectiva lexicológica e resguardados nos princípios de que a vida social se faz manifestar nos arranjos lexicais (MATORÉ, 1953), partiremos de um *corpus* oral para dele entender quais são os nomes do trabalho rural solidário e como tais nomes apontam significados linguístico-culturais do grupo que os utiliza na sua vida rural, procurando discutir como demarcam, sobretudo, um modo de vida, em contexto social mormente rural em que a solidariedade lhes garante a sobrevivência, grupal e individual.

### 1. Primeiras palavras: situando o léxico nos estudos linguísticos

A estruturação de uma língua enquanto um sistema de signos comunicativos, histórica e culturalmente elaborado e aprendido, se faz garantida pelas relações sistemáticas que as suas unidades gramaticais, lexicais e discursivas entretecem entre si. A gramática dos fonemas, das sílabas, dos morfemas, das palavras, das frases não se sustenta sozinha na tarefa de significar linguisticamente o mundo. As palavras, expressões ou lexias também não se arranjam na tarefa de simbolizar, na língua, os conceitos que se tem sobre o mundo sem obedecer a uma gramática de sua constituição. Igualmente, as estruturas linguísticas gramaticalmente assentadas na língua servem a discursos e, nesta tarefa, constituem também discursos.



O que se pretende entender é que na língua as estruturas gramaticais só são possíveis porque também fazem compor o seu léxico e o seu discurso. Não há na língua uma estrutura léxica que não seja, antes, gramatical e, sobretudo, discursiva. Também não há discursos e práticas que se façam sem a gramática e o léxico.

Os movimentos de sentido que uma determinada palavra adquire ao longo de sua história na língua se associam a sua configuração léxica e aos contornos discursivos que pode adquirir em diferentes contextos. A língua carrega a sua história na história de quem a usa e conhecê-la é, então, uma forma de se fazer hábil para usar e entender seus recursos gramaticais, lexicais e discursivos.

Nesse sentido, a determinação por um dos níveis linguísticos para investigação científica é uma escolha que atende à necessidade de recorte para empreender o estudo, uma vez que se reconhece que, em estudos da linguagem, tanto as descrições quanto as análises, sejam da gramática, do léxico ou do discurso concorrem para garantir o conhecimento da língua.

Nesse sentido, o *léxico*, nível linguístico tema da discussão aqui proposta, é uma escolha que se justifica por ser a parte de língua que mais se atualiza e por trazer em suas unidades lexicais os conceitos elaborados para conhecer, categorizar e nomear o mundo (BIDERMAN, 2001). Dessa feita, crê-se que nele estejam inscritas as práticas culturais e históricas do povo que dele se vale nas suas interações linguísticas diárias.

Às realizações léxicas conectam-se as experiências de seus usuários. A renovação ou a inovação no campo léxico relaciona-se com a dinamicidade das experiências culturais; as invenções tecnológicas, descobertas científicas, novos arranjos de grupos sociais reclamam para si uma nomeação nova, os neologismos em seus diferentes procedimentos de formação. Práticas culturais consideradas conservadoras ou enraizadas trazem na língua “retenções” lexicais, os chamados arcaísmos lexicais.

Nessa perspectiva, entende-se que as unidades do léxico se relacionam e se definem com a estrutura cultural e histórica de uma dada língua. Fazem-se o repositório do saber das pessoas sobre as coisas do mundo em que (con)vivem. Porque o mundo natural independe de ser lexicalizado para existir, mas quando

conhecido por nós e categorizado em campos semelhantes e distintos, recebe nomeação, é sígnico. São estes signos, responsáveis por significar, que constituem o léxico de uma língua natural. Quando nomeado, significado, o mundo se faz cultural, com rastros do humano que o caracterizou e o fez sígnico.

Para Biderman (1981, p. 138):

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extra-lingüístico.

Por situar-se nos liames dos domínios lingüístico e o extralingüístico, a autora diz que o léxico tem limites imprecisos. Defendemos, aqui, que enquanto memória lingüística da cultura de um povo, tomando em seu aspecto social, o léxico já nos levaria a suspeitar de que, ainda que vasto e complexo, possui uma sistematicidade e uma estruturação que o “amarram” em seus múltiplos “elementos funcionais mínimos” na tarefa diária e incessante de comunicar e significar o mundo. Pode-se analisar, por exemplo, como formas arcaicas expressam formas mais conservadas de vivência de uma comunidade ou como formas neológicas, nas suas variadas formas, apontam para sinais de mudanças em um dado segmento social. As unidades léxicas, identificadas linguisticamente, são, pois, o ponto de análise do léxico e apontam a sua sistematicidade, a sua “gramática<sup>1</sup>”.

No enalço de descrever esta sistematicidade, estudiosos se debruçam sobre a tarefa de entender como o léxico revela o conhecimento que se tem do mundo, empreendendo estudos sobre variações lexicais diversas. Isquerdo (1996) e Zambonin (1987) estudaram como o mundo do seringueiro se mostra no léxico específico da borracha e da seringa, em todos os seus arranjos sociais. Paula (2006) demonstra que o modo de referenciar a planta e a plantação medicinais se faz em morfema sufixal de ação, para designar a flora fitoterápica do cerrado goiano. A

---

<sup>1</sup> Chamamos de gramática as regras e possibilidades combinatórias no paradigma de uma língua. Nesse sentido, também os morfemas, as palavras, as lexias obedecem a regras, a uma *gramática*, para se constituírem unidades léxicas na língua.



série de publicações intitulada “As ciências do léxico”<sup>2</sup> traz pesquisas descritivas e analíticas sobre temas variados em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, ciências linguísticas que recobrem o nível léxico.

Há, ainda, os estudos lexicográficos e terminológicos que se atêm à arquitetura e à construção de obras em que se registram verbetes referentes ao léxico comum, os conhecidos dicionários de língua ou dicionários gerais, e os dicionários específicos de ciências e taxinomias científicas, geralmente resultados de investigações terminológicas.

Muitos outros estudos, esparsos em livros e revistas cuja temática não seja especificamente a abordagem lexical, apontam para o lugar de destaque que o léxico como “parte do sistema lingüístico mais suscetível de mudanças por constituir um conjunto aberto” (BIDERMAN, 1999) vem ocupando nas reflexões e pesquisas em Linguística no Brasil, nas duas últimas décadas.

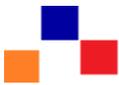
Alguns destes estudos têm cuidado, no entanto, para deixar esclarecido que, apesar de, em primeira vista supor-se que os limites imprecisos do léxico impeçam-no de descrição e análise sistemáticas, apenas a investigação teórica e prática desse nível da língua pode dar-lhe estatuto de ciência, com métodos e procedimentos muito delineados.

Sob essa perspectiva assentam-se as publicações que abordam os muitos eixos interdisciplinares dos estudos do léxico. Léxico e história, léxico e cultura, léxico e estudos filológicos, léxico e ensino são algumas das mais comuns interfaces que os estudos lexicais têm experimentado, em todas as *ciências* que os constituem, como esclarece Biderman (2001).

Por entendermos que o léxico evidencia o conhecimento cultural sinalizado nas suas unidades de modo a possibilitar-lhe ser estudado sistematicamente optamos, neste estudo, pela interface do nível léxico com os arranjos culturais de uma determinada comunidade, a comunidade rural, situada no sudeste goiano.

---

<sup>2</sup>A série de cinco volumes foi coorganizada por Isquierdo, ao longo da última década (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001); (ISQUERDO; ALVES, 2004); (ISQUERDO; FINATTO, 2007); (ISQUERDO; BARROS, 2010).



## 2. De lexicultura: algumas palavras

Desde os estudos de Sapir (1969), ou antes, com Saussure, na obra organizada e publicada por seus ex-alunos (1995), ou muito antes ainda, em estudos e especulações que se perdem no tempo no afã de se conhecerem as relações entre o simbolismo linguístico e as práticas culturais e sociais, a necessidade de se estabelecer como e em que dimensões e níveis essa relação entre língua e cultura acontece se mostra relevante e inconteste.

Segundo Biderman (2001), em reconhecido texto que trata do léxico no quadro das ciências que dele se incumbem, o processo de cognição da realidade se faz porque o ser humano estabelece contato com as coisas do mundo ao seu redor, as categoriza, as classifica e as nomeia. O ato de nomear é o passo para a constituição do acervo vocabular de que se valem as pessoas, na vida em grupo, ao longo de gerações para significar suas vidas, da mais íntima convivência aos seculares tratados de filosofia e religião.

Em todas essas etapas de se “apoderar” do mundo e de “criar mundos” pela palavra não se pode negar que se entrelaçam as crenças, os modos de vida, os simbolismos aos expedientes de resguardar a memória dos saberes de um povo, ressignificando-os e reelaborando-os nos signos de cada dia.

Para Sapir (1969), é no nível léxico que mais bem se configura a relação entre a língua e a cultura de um povo, ainda que estas não sejam paralelas e que uma língua permaneça mais preservada que a cultura com seus movimentos e dinâmicas constantes.

Em abordagem interdisciplinar procuraremos descrever como os arranjos no sistema vocabular da língua portuguesa usada no Brasil, mais especificamente na sua região central, dão conta de nomear e significar as relações de trabalho e sua necessária solidariedade entre homens e mulheres rurais no interior do Brasil, em tênues nuances para significar e nomear a organização sociocultural do mundo do trabalho em comunidades rurais.



### 3. De nomes e significados ao trabalho solidário no mundo rural

Defendemos, desde o princípio desse estudo, que o léxico de uma língua é o repositório da cultura e da história de um povo e que estudá-lo é, então, adentrar esse mundo. É assim que para descrever os nomes e os significados do trabalho rural solidário no interior do Brasil e propor-lhes uma análise lexicológica se faz necessário conhecermos as práticas culturais do trabalho solidário e como os seus nomes significam o *modus vivendi* de seus participantes.

Homens e mulheres que se lançam à labuta rural diária para sua sobrevivência criam e recriam relações sociais e significados que o trabalho solidário assegura. As formas de nomear e definir tais estratégias de solidariedade constituem o que se pode chamar de léxico do trabalho rural solidário, acervo de um saber linguístico e cultural peculiar a formas de organização social, mantidas ao longo do tempo.

Nosso propósito é, pois, apresentar um estudo lexicocultural sobre as formas de categorizar, significar e nomear as práticas de ajuda/solidariedade no trabalho rural, a partir de memórias orais de homens e mulheres sexagenários, publicadas em Paula (2007), e que tematizam a vida no campo, pelos idos do século XX, no sudeste goiano.

Recortes dessas narrativas serviram para o levantamento dos signos caracterizadores do uso lexical do que se pode considerar um estilo de vida em que a ajuda mútua garantira a sobrevivência cultural e física destes trabalhadores-narradores. Dos recortes narrativos, inventariamos os signos *troca de dias*, *demão*, *mutirão* e *treição*, em seus devidos contextos de uso pelos sujeitos-narradores, para a prática da ajuda ao *companheiro* de vida rural, quando a urgência do tempo e das condições climáticas impelia os roceiros a se ajudarem.

Tais signos, mais que nomear esta prática, também delimitam o seu significado cultural, de modo que o vizinho solidário, segundo os narradores, nunca é um peão, mas um *companheiro* de roça e de vida, demarcando um modo de viver, um modo de ser em relação ao outro vizinho. A solidariedade se faz, pois, caracterizadora dos nomes e significados culturais de vidas em trabalho e é,

sobremaneira, o mote conceitual maior deste léxico.

Para esse estudo, as lições de Biderman (2001) sobre o processo de cognição, categorização, significação e nomeação da realidade como imprescindíveis na constituição do léxico de uma língua natural, além de incursões sobre as práticas de cultura popular, fundamentarão as discussões sobre o registro lexicocultural evidenciado nas narrativas, na inequívoca e incontestável relação entre língua e cultura, mais especificamente na sua realização lexical.

### 3.1 Os registros dos narradores rurais

Vejamos como os narradores se organizam para a ajuda mútua na lida rural. Já sabemos, pela leitura das narrativas, que em épocas de variadas dificuldades e poucos recursos para a elas resistirem, ser ajudado pelo amigo ou vizinho e poder ajudá-lo é a regra das vidas em trabalho. Assim, enfrentam as forças da natureza como a pouca chuva para o roçado, as muitas águas que se aproximam da colheita por fazer, as demandas comuns da labuta rural, como moagem de cana, capina de uma roça, limpeza de um rego d'água que serve à família, entre outras tantas. Nesse ambiente cultural e social, não reina o dinheiro para a paga do serviço feito no socorro a alguém; antes, aí valem as práticas solidárias de trabalho, retribuídas ou não.

O universo cultural recortado linguisticamente apresenta, nas narrativas, quatro signos para a solidariedade, a saber: *troca de dias*, *demão*, *mutirão* e *treição*, narradas e significadas pelos narradores rurais como nos excertos seguintes:

Eh! Eu fiz foi **mutirão** dimai<sup>3</sup>. Nossa! Graças a Deus e o povo gostava de nós. Pa fazê **mutirão** e nós era chamado também nos **mutirão**, o povo, o povo gostav' de chamá nós pa nós fazê chegada, vê nói' brincá, né? (...). Não, eu quair num faço **mutirão**. Fiço, fiço alguma **dimãozinha**. Ah, é [maior]. O **mutirão** é mu[i]ta gent', né? Se...dima...**dimão** é minori, e é mair poco, poca pessoa. A **treição** vem gent' dimai', Nos'Sinhora! Aquil' vem gente em deu da<sup>4</sup> madrugada, né? (Paula, 2007, p. 448).

---

<sup>3</sup> As regras de transcrição constam na tese, especialmente na chave de transcrição das narrativas (Paula, 2007, p. 40-45)

<sup>4</sup> *Em deu da* é variação de *desde a*.



O narrador procura dimensionar as três práticas de ajuda mais comuns, atentando-se para o seu tamanho ou quantidade de trabalhadores participantes, permitindo-nos antecipar que, na forma decrescente, a *treição* é maior, mais animada e organizada e a *demão* congrega *mais pouca gente*. Interessa observar que para intensificar as diferenças entre tais práticas, a *demão*, além de descrita como “é menori, e é mair poco, poca pessoa”, recebe a marca do diminutivo na sua forma, em um reforço de seu conceito de *dimãozinha*.

Outro narrador reforça o primeiro ao dizer que:

**Treição** quando cê tem um seiviço pa fazê que a veiz cê tá apertada aquela pesso[a] qué te ajudá intão esse cham'os pião, os cumpanhero tudo ajunta, reúne nũa casa e vai te passá a **treição**, aí cê chega lá c'aquel' tantão de pião, e[le]s faz seu seiviço, e[le]s passa a **treição**. É o mesmo, só porque o **mutirão** cê convida, ocê mes[mo] marca a data certa cham'os o povo o povo e e[le]s vem. Agora o muti...a **treição** é que ùa pessoa te passa a **treição**. Igual cê tá sentada aqui chega um bando de gen' pa te ajudá ocê arrumá a casa ô fazê, a gen' chama **treição**. E[le]s tá, e[le]s pegô ocê de supresa, né? (Paula, 2007, p. 480).

O fragmento revela que o diferencial do mutirão para a treição se faz por ser esta uma ajuda “de surpresa” e aquele o trabalhador que recebe a ajuda convida os companheiros. Entendemos que o mutirão é a solidariedade solicitada pelo ajudado e a treição é aquela espontânea, *de surpresa*. Notamos, com o primeiro narrador, que a quantidade de pessoas pode ser a mesma na treição e no mutirão, contando que na primeira os ajudantes se organizem e surpreendam o ajudado.

Outra nomeação para a solidariedade no labor rural, também carregada dos significados das redes sociais rurais, é a *troca de dias*, em que os envolvidos se valem de poucos trabalhadores solidários, basicamente um que troca o dia de serviço com outro trabalhador. Nessa prática, a solidariedade reside em se dispor a trabalhar para o companheiro e esperar dele a paga para quando puder retribuir. Tal significação se evidencia na composição do signo em que *dias* são *trocados*, já que não ocorre retribuição financeira em qualquer das práticas. Vejamos como o narrador aborda tais ajudas:

**Trocava dia.** Chama **troca de dia.** Eu trabaiava c'uma determinada pessoa, depois ele ia trabaiá pra mim pa **pagá** aquel' dia. Era **troca de dia.** Era o jeito que reunia pa fazê uma...um serviço, né? E tinha o **mutirão** também, que era, esse era pov'...fazia **mutirão**, reunia o povo pa trabaiá, semp[re] mais nos dia de sábado, né? E ali juntava muita gente. Ali num...num...ninguém recebia nada por aquil[o]...Era foima d'uma **[al]juda.** Às veiz dava **treição.** A **treição** é assim, é... Num contava aquela pessoa que tinha não, sabe? Chamava, arrumava tudo, aque[la]s pessoa que tava dan' a **treição** era...incarrega[da] de fazê tudo. E no dia, de manhã, de madrugada, chegava, cantava, dava tiro de fuguete pa assustá o...aquela pessoa...aí reunia todo mundo lá, pa tabaiá. Ali já ficava. Ficav' às veiz duas noite sem durmi. A primera qu'era pa reunião da... da chegada... pensav' chegá ...Par[a] noite intera. E aí tabaiava. De noi[te] tinha a festa, né. Semp[re] tinha. Tinha. Toda veiz tinha. Todo mundo achav' é bão, né? Não [pagava]. Quem ia dá a **treição** tinha que [dar] pelo meno a primera comida ele tinha que tê. É tirijum. Nóir falava tir[i]jum naquel[e] temp'. Dava a cumida cedo (PAULA, 2007, p. 347).

A prática solidária, conforme evidenciam as narrativas, estende-se também ao universo das mulheres, as quais se dedicavam, não raro, às trocas de dias, demãos, mutirões e treições juntamente com os homens. Ressalta-se que as mulheres desempenham papel importante nos bastidores dessas práticas solidárias, fazendo provisões em treições, almoços, lanches e jantas para alimentar os trabalhadores. É impensável realizar estas práticas sem a colaboração imprescindível delas.

Não obstante a presença das mulheres em bastidores, ocorrem, ainda os mutirões das mulheres, quase sempre no mesmo dia em que ocorre o dos homens, seus parentes, familiares ou amigos. Os narradores dão a conhecer os mutirões de fazeção de farinha e polvilho, de fiandeiras e bordadeiras. Veja-se o excerto narrativo abaixo:

[Mulher]Ia. Fazia **mutirão de fiadera.** Semp[re] quan[do] tinha **treição ô mutirão** as muié arreunia pa fiá. Ia. Fazia. No mesmo dia. Na mesma casa. Então, era muita gente. [Homens] É lá pu...pa roça trabain' e as muié lá fian', né? Apreparava...Aquelas que era muié qu'era encarregada da...do **mutirão de fiadera** arrumava o algodão, cardava, já ficava tudo prontim, né? Aí nur<sup>5</sup> dia era só levá. (PAULA, 2007, p. 348).

---

<sup>5</sup> Variação de *nos*, comum em outras palavras do *corpus*.



Em todos os casos relatados, o que se nota é que para as atividades femininas, os mutirões parecem mais um momento de lazer do que para acudir alguém em apuros com trabalho atrasado em uma determinada época do ano. Por isso, certamente, não se evidencia outro item léxico para o trabalho solidário entre mulheres que não seja *mutirão*, já que as práticas de *demão*, *troca de dias* e *treição* não se justificariam nesse contexto feminino ou, se existem, não foram narradas ou seriam nomeadas por outros signos.

É possível, ainda, que estas práticas existam e, por serem mais comuns e cotidianas, não demandem nomeação já que sua significação seria intrínseca à condição de ser mulher. Dizendo de outro modo, ser mulher implicaria a solidariedade que, implícita a essa condição, não receberia nomeação específica porque não denotaria uma prática cultural específica, mas uma condição de gênero, tecida histórica e culturalmente e impressa no trabalho feminino do universo dos narradores e narradores em que se assenta este estudo.

### 3.2. Os registros lexicográficos: cotejando nomes e significados

Buscamos em quatro dicionários brasileiros a evidência de registro para os itens lexicais em discussão, com o fim de verificar se estes lhes concedem algum lugar e, em havendo o registro, tentar discutir o significado que lhes é dado pelos lexicógrafos. Para o estudo em tela, serão consultados os dicionários de Ortêncio (2009), que propõe ser um dicionário do Brasil Central, região na qual se inserem os narradores que enunciaram sobre as práticas de trabalho solidário conforme apresentamos neste estudo.

Outra obra consultada é o *Dicionário analógico da língua portuguesa*, de Azevedo (2010) e em sua segunda edição, revista e ampliada, por se caracterizar como dicionário de ideias afins e por entendermos que a referência de significados que caracteriza um dicionário analógico poderá remeter uma prática de solidariedade no labor rural à outra, uma vez que participam do mesmo contingente cultural.

Os dicionários eletrônicos de Antonio Houaiss (2007) e de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (AURÉLIO, 2004) servem às tentativas de entender como se nomeiam e significam as referidas práticas de cultura que, por vezes, se fazem bastante conhecidas, como os mutirões que se tornaram, inclusive, programas assistenciais de alguns governos. A opção por essas obras se justifica por ocuparem, hoje, o lugar de destaque de dicionários de uso geral no cenário brasileiro. O que esperamos é que seus registros se aproximem o máximo possível dos usos e significados conferidos pelos narradores.

Da consulta às obras apresentadas, observamos que as quatro não registram *troca de dias*, seja como entrada única ou como subentrada ou expressão idiomática. Aurélio (2004) registra *treição* como “substantivo feminino. Traição”, definição que não coincide com a descrição dos narradores. Para *traição*, consta como regionalismo do Mato Grosso, definida como “espécie de mutirão (q. v.), com a particularidade de o fazendeiro que pretende auxiliar o vizinho chegar à casa deste alta noite, de surpresa, em companhia dos trabalhadores, acordando-o, em geral, ao som de cantos”.

Ortêncio (2009), por sua vez, diz que *treição* é uma “corruptela de traição” (p. 437). Para *traição*, apresenta como acepções “suta; mutirão; treição”. Em tom de conversa com o leitor Ortêncio diz:

Traição, leitor, é uma espécie de muxirão que se realiza em certa região do interior goiano. quando os vizinhos percebem que alguém está precisando dum auxílio na roça, reúnem-se todos da redondeza, homens e mulheres, e de madrugada chegam de supetão na sua casa. E debaixo de cerrada descarga de clavnotes e bacamartes, no meio duma algazarra vagneriana, acordam o atraído. Posto isso, dirigem-se os homens para a roça, ficando então as mulheres, umas fiando algodão e outras preparando ao almoço, para o que já levam o necessário a fim de não trazer dificuldade ao dono da casa que não os esperava: O jantar é por conta do atraído (ORTÊNCIO, 2009, p. 742).

Ainda Ortêncio (2009) registra significado conforme ao que proferiram os narradores quando aborda o verbete *mutirão* como “muxirão, traição (treição), ajuntamento de trabalhadores para limpar uma roça, plantar, derrubar o mato, fiar, enfim, uma ajuda completa a um amigo necessitado de mão-de-obra. Depois vem a



compensação: o pagode” (p. 293). O que se nota é que, segundo o autor, *mutirão* e *treição* são a mesma prática de solidariedade.

Azevedo (2010) não registra *treição* e tampouco traz traição como afim ao que enunciaram os narradores. Por outro lado, registra *demão* como significado afim a *mutirão* no verbete auxílio e oferece um arsenal de outros signos análogos ao que inventariaram os narradores, como se pode conferir abaixo:

**Auxílio**, ajuda, acheganças, achega, socorro, reforço, préstimo, adjutório, demão, acoroçoamento, apoio, encosto, concurso, coadjuvação (cooperação); assistência, patrocínio, amparo, filantropia, mecenato, caridade, colaboração contribuição, favor, serviço, assopro, esteio, arrimo, proteção patronato, patronagem, benefício, obrigação, bafejo, alento, ajudadouro, sustentação, alimentação, nutrição, favorecimento, amamentação, maná (*alimento*); sustento, fautoria, escora, bordão, ajudas, andadeiras, muletas, adminículo, fomento, remédio, recurso, subsídio, subvenção, mesada, contribuição, sustentáculo, suporte; braço direito; muxirão ou mutirão (2010, p. 328).

Aurélio (2004) diz que *demão* é “Auxílio, ajuda, mão” e *mutirão* é de origem tupi e significa:

Auxílio gratuito que prestam uns aos outros os lavradores, reunindo-se todos os da redondeza e realizando o trabalho em proveito de um só, que é o beneficiado, mas que nesse dia faz as despesas de uma festa ou função. Esse trabalho pode ser a colheita, ou queima ou roçado, ou plantio, ou taipamento ou construção de uma casa. [...]

O que Aurélio (2004) define como um “auxílio gratuito que prestam uns aos outros os membros de uma determinada comunidade, reunindo-se todos em proveito ou de um de seus membros, ou de todos, como no caso, p. ex., da implementação de obra(s) de infra-estrutura” é ainda identificado por ele pelas seguintes variantes: “*mutirom, mutirum, muxirão, muxirã, muxirom, muquirão, putirão, putirom, putirum, pixurum, ponxirão, punxirão, puxirum; ademão, adjunto, adjutório, ajuri, arrelia, bandeira, batalhão, boi-de-cova, corte (ô), junta*”.

Houaiss (2007), consultado na versão eletrônica no modo tradicional, define a *demão* como:

**Demão:** 4. prestação de auxílio (informalmente, *dar uma mão*); socorro, ajuda; ademão. Ex.: uma d. dos parentes salvou-o da ruína  
**(Ademão):** 1 Regionalismo: Brasil. auxílio que se presta a alguém; ajuda, assistência, demão.

**1.1** Regionalismo: Maranhão, Ceará, Minas Gerais, São Paulo.

Este verbete alcança os significados dados pelos narradores se observarmos a acepção *socorro*, corroborada pelo exemplo em que se confirma que esta e as outras práticas de solidariedade que vimos apresentando se circunscrevem, geralmente, no âmbito familiar das relações sociais. Em contrapartida, embora *demão* seja tomada como regionalismo, a região dos sujeitos narradores não é citada na obra.

Ainda segundo Houaiss (2007), *mutirão* é um regionalismo de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e significa “mobilização coletiva para auxílio mútuo de caráter gratuito, esp. entre trabalhadores do campo, por ocasião de roçada, colheita etc.; ajuntamento, juntamento”. O autor informa, ainda, as extensões de sentido derivadas dessa acepção e a problematização etimológica que a envolve e não é objeto deste estudo.

Para *treição*, o autor não registra o significado do uso em estudo e remete para o verbete *traição* que, na acepção 4, diz tratar-se de um regionalismo recorrente em Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e que se define por ser uma “variedade de mutirão em que o fazendeiro que tenciona auxiliar o vizinho chega à casa deste de madrugada, em companhia de trabalhadores, e desperta-o ao som de cantos”.

Como se percebeu, as lexias *demão* e *troca de dias* não foram registradas por Ortêncio (2009), ainda que seu dicionário, conforme palavras do editor, objetive ser um compêndio do Brasil Central com:

200 anos de referências escritas e orais pesquisadas para elaborar este receptáculo da linguagem do Brasil Central, esta ampla região cultural que abrange o Triângulo Mineiro, o oeste baiano, o Mato Grosso, o Distrito Federal, o Tocantins e Goiás. É região que equivale aos Gerais, ao sertão, à antiga hinterlândia – grosso modo é a região das Minas de Goiás à época do Tratado de Madri, no século XVIII, região que tantos sonhos de glória fecundou e tantos aventureiros atraiu (ORTENCIO, 2009, p. 6).

Azevedo (2010), com seu dicionário atualizado e revisto sessenta anos depois



da primeira edição, não contemplou *treição* e *troca de dias* e registrou *demão* e *mutirão* com ideias afins. Houaiss (2007), por seu turno, não contempla apenas *troca de dias* e o que os narradores descreveram como *treição* foi registrado por ele como *traição*. A propósito, excetuando Azevedo (2010), todos os dicionaristas resgatam os significados do que os narradores nomearam por *treição* através do verbete *traição*, ainda que não registrem qualquer nuance de sentido que conduza à ideia de traição, perfídia, deslealdade. A traição a que se referem é a que se corrompe no signo *treição* e significa, ao contrário, a amizade, a lealdade, o companheirismo entre os trabalhadores solidários.

A consulta aos registros lexicográficos e o cotejo às acepções apresentadas sintetiza-se no quadro abaixo, em que o asterico (\*) aponta registro remissivo da definição em outro verbete ou nome. Quando não há o registro do nome (verbetes) ou da definição consta “não registra”.

	Ortêncio (2009)	Azevedo (2010)	Houaiss (2007)	Aurélio (2004)
<b>Demão</b>	Não registra	Registra *	Registra	Registra
<b>Troca de dias</b>	Não registra	Não registra	Não registra	Não registra
<b>Mutirão</b>	Registra	Registra *	Registra	Registra
<b>Treição</b>	Registra *	Não registra	Registra *	Registra *

Quadro 1 – Registro lexicográfico de nomes e significados do trabalho rural solidário

### À guisa de palavras finais

Em que pesem as não coincidências absolutas de nomes e significados do que os narradores entendem como práticas de trabalho solidário no mundo rural em terras goianas, o cotejo dos registros lexicográficos permitiu depreender que, de modo geral, as obras pelo menos tangenciam o significado conhecido e usual dos narradores. *Traição*, em Ortêncio (2009), se aproximou do nome *treição* e registrou igual significado ao descrito nas memórias que serviram de material deste estudo. *Demão* e *troca de dias*, práticas e nomes tão comuns na região estudada e de alcance da proposição do *Dicionário do Brasil Central*, por outro lado, revela

relativa fragilidade da obra.

O *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/thesaurus*, do goiano Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, publicado pela primeira vez em 1950 e revisto e atualizado em 2010, possivelmente por sua natureza analógica e revisto por outrem, não alcançou as particularidades de léxico tão específico e fluido referente a prática cultural tão marcadamente regional. *Auxílio* foi o verbete que remeteu a *demão* e *mutirão*, sem que a obra apresentasse entrada específica a um dos quatro signos em estudo.

Os dicionários Houaiss (2007) e Aurélio (2004), por seu turno, caracterizados como de uso geral que pretendem abarcar o maior número possível de verbetes e acepções, não registraram apenas a lexia *troca de dias*. Curiosamente, pelo que apresentam os excertos narrativos, este é o nome que nos remete à solidariedade no labor rural mais simples e com o menor número de trabalhadores envolvidos, geralmente dois apenas.

O que chama a atenção é o fato de *treição* ser referenciada pelos três dicionaristas que a registram como *traição*, ou uma corruptela linguística deste signo. A corruptela, porém, limita-se à configuração fonética, porquanto os significados de *treição* e *traição* não são coincidentes, tampouco aproximados. No contexto linguístico-cultural em estudo, quem faz uma *treição* a um amigo é pessoa da maior confiança do trabalhador ajudado, sendo-lhe leal e companheiro na dificuldade, nunca um traidor.

Por fim, as narrativas, as consultas aos dicionários e o cotejo breve entre essas duas formas de uso e ocorrência dos nomes e significados do trabalho rural solidário permitem reafirmar o que os estudos lexicais já evidenciam há tempos: as experiências diárias e particulares de grupos culturais e geograficamente delimitados para nomear e significar referentes socioculturais, materiais ou imateriais, serão sempre mais ricas e abundantes do que conseguem registrar os dicionários em seus verbetes e acepções.

## Referências



AZEVEDO, F. F. dos S. **Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/thesaurus**. 2. ed. atual. e rev. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Conceito lingüístico de palavra. **Palavra**. Rio de Janeiro: v.5, p. 81-97, 1999.

\_\_\_\_\_. A estrutura mental do léxico. In: ESTUDOS DE FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA. **Homenagem a Isaac Nicolau Salum**. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1981.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. Editora Positivo, 2004.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss versão 2.0.5.0**. Editora Objetiva, 2007.

ISQUERDO, A. N. **O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.

MATORÉ, George. **La Méthode en Léxicologie**. Paris: Didier, 1953.

ORTÊNCIO, B. **Dicionário do Brasil Central**. 2. ed. Goiânia: ICBC, 2009.

PAULA, M. H. de. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano**. 2007. 521f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

\_\_\_\_\_. Notas lexicais sobre plantação e plantas medicinais em narrativas orais catalanas. In: TRAVAGLIA, L. C. *et. al.*(Orgs.). **Lingüística: caminhos e descaminhos em perspectiva**. Uberlândia-MG: Editora da Universidade Federal de Uberlândia-EDUFU, 2006. p. 148-156.

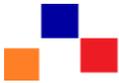
SAPIR, E. **Lingüística como ciência**. [1921]. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

ZAMBONIM, D. J. **Léxico específico e cultura regional: um exemplo amazônico**. 1987. Tese (Doutorado em Lingüística). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

Recebido em 12/01/2013.

Aceito em 10/06/2013.



**Maria Helena de Paula**

Professora adjunta do Departamento de Letras, da Universidade Federal de Goiás/*Campus* Catalão, onde atua na graduação e no Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem.

E-mail: mhpcat@gmail.com